

Teresa Moure: “A linguística, como todas as ciências, adotou um perfil burguês, ocidental, branco e patriarcal”

12 de Maio de 2022

<https://www.atraves-editora.com/2022/05/12/teresa-moure-a-linguistica-como-todas-as-ciencias-adotou-um-perfil-burgues-ocidental-branco-e-patriarcal/>

O [livro](#) tem como subtítulo *A perspectiva de género nas ideias sobre a linguagem. Deve entender-se que estás a renunciar à etiqueta de linguística feminista?*

Em absoluto. Nunca se investiga sem ideologia e eu adoto explicitamente esse ponto de vista. No entanto, pretendo chegar a um público amplo. O livro pode ser lido tanto por feministas que não saibam da Linguística quanto por linguistas homens, que não se sentam excessivamente interpelados pelo feminismo. O meu objetivo, para além de tirar à luz uma exclusão, orienta-se a persuadir este segundo público de que a perspectiva de género é uma das correções necessárias hoje. A linguística, como todas as ciências, adotou um perfil burguês, ocidental, branco e patriarcal. Isso explica, em simultâneo, que os grandes vultos sejam todos europeus ou americanos, que tenham investigado em universidades prestigiosas e publicado em línguas bem instaladas. De alguma maneira, estou tentando conjugar uma linguística que revitalize o subalterno.

Como é que surgiu este livro?

No curso 2019-20, após o aposentamento de um companheiro, passei a ocupar-me na USC da matéria *Panorâmica das ideias linguísticas*, de corte histórico. Só nesse momento fui consciente de que os manuais de história da Linguística em pleno século XXI não citavam nenhum nome de mulher. Estávamos ausentes. A USC tem-me convidado muitas vezes a dar cursos onde ajudo a introduzir a perspectiva de género na docência universitária nos mais diversos perfis do conhecimento: na medicina, na arquitetura, nas artes ou nas engenharias. É sabido que as instituições estão muito preocupadas com que as mulheres se inscrevam nas disciplinas STEM – acrónimo para ciências duras, tecnologias, engenharias e matemática –; assume-se como desnecessário animar as raparigas a estudar humanidades porque elas sempre o fizeram. Então, como é que não temos famosas linguistas? O acesso das mulheres à universidade é tardio em toda a parte: começa na década de 1880 na Suíça e nos trinta anos seguintes consegue-se na maioria dos países da Europa e em Norte-América. Mas a Linguística nasce depois, em 1917. Portanto, a ausência de mulheres entre os grandes vultos é inexplicável. Na realidade, sempre existiram mulheres dedicadas ao estudo das línguas. Nebrija, o primeiro gramático do espanhol,

por exemplo, foi sucedido na sua cátedra pela filha, Francisca. Essa mulher, que ditava aulas na Universidade de Alcalá de Henares, ou a sua contemporânea, Luisa Medrano, em Salamanca, foram protagonistas de uma rara proeza: trabalhavam em instituições que não as teriam admitido como alunas. Nem sequer com esta peculiaridade entram depois nos livros que constroem a história da disciplina. A minha hipótese contempla que as mulheres teriam sido banidas, apagadas ou silenciadas. Eu queria saber as causas e os culpáveis desse ocultamento.

Ao longo de mais de trezentas páginas, revisas criptógrafas, tradutoras, primatologistas, sociolinguistas, antropólogas ou filósofas da linguagem. O que achas que têm todas elas em comum?

Apesar de abordarem temáticas tão diferentes, em diversas épocas e escolas, todas as autoras contempladas dedicam-se às margens da Linguística. Nunca aparecem peritas em Gramática ou em Fonologia; mas cultivadoras desse tipo de assuntos que passam décadas a serem chamados “novos”. Acho que as mulheres, como agentes secundarizados, desenvolvem alguma preferência por temas periféricos que depois são historizados como pouco relevantes. De alguma maneira, elas arrastariam o seu próprio desprestígio aos campos que cultivam. Afinal, os grandes dispositivos de poder decidirão que os contributos delas não podem ser completamente aceites (que a linguagem inclusiva é uma moda ou que a hipótese de relativismo linguístico é precisamente uma hipótese, não uma teoria). Aliás, todas elas partilham o traço de introduzirem novos procedimentos: as primatologistas tratam os animais como seres humanos, rompendo os protocolos habituais nos laboratórios, as antropólogas renovam a agenda misturando nos seus cadernos de campo o público e o privado. Todas estão a praticar um modelo de investigação menos rígido.

Dedicas a tua atenção à tradição linguística em geral. Existe uma via galega para esta investigação?

Tenho algumas alunas a explorar essa linha, com o interesse de revalorizarem o papel das mulheres das Irmandades da Fala, por exemplo, e um grupo de estudantes estão a desenvolver, sob a minha direção, um videojogo, *Elba is able*, sobre criptógrafas num universo pandémico. A avó da protagonista, Elba, deixa à sua morte toda uma série de enigmas para resolver o futuro, que devem descriptar-se através de provas linguísticas. Como a avó de Elba estava vinculada a tarefas de espionagem, tivera contacto com outras agentes de diversos países e escreve a Elba em galego internacional.

No livro insistes em que não pretendes fazer um catálogo alternativo de mulheres, uma espécie de santoral, mas explicar os contributos delas como exemplos de opressão e de ocultação. No entanto, poderias contar-nos se encontraste algum caso de sexismo claro?

O sexismo é continuado. Nos manuais de Linguística nunca aparecem para eles dados biográficos. Não sabemos se Saussure ou Hjelmslev eram ricos ou pobres, se eram homossexuais ou com quem se casaram; para eles basta a sua obra. Esse apego aos textos desaparece quando falamos delas. A bibliografia especializada apaga os seus nomes e os repositórios mais recentes ou os buscadores da Internet teimam em proporcionar dados biográficos, como “foi filha de”, “casou-se com”, sem detalharem as suas investigações. De alguma só se comenta que foi homenageada como “mãe do ano” porque teve 11 filhos e filhas. O caso mais repulsivo é o do linguista Sapir. Ainda que fez parte de um grupo com notável presença feminina, a escola antropológica de Boas, ficou com todo o legado: falamos habitualmente da *hipótese de Sapir-Whorf*. Acho que esse nome para a relatividade linguística é injusto. Para além disso, Sapir era um misógino que encheu de obstáculos a carreira de várias linguistas ou dificultou a sua

promoção. Dito de maneira mais contundente, dedicou insultos furibundos (“prostituta malcheirosa”) à famosa antropóloga Margaret Mead depois de ter um caso amoroso com ela e desacreditou-a por escrito continuamente. Estudar a história da Linguística com perspectiva de género obriga a revisar os seus protagonistas e também a combater a ideia de génio e a revigorar os coletivos anónimos, que estão envolvidos nas questões mais dinâmicas, com um modo de atuação democrático e plural, um bocadinho mais alheio às estruturas de poder.